

Passaportes carimbados

os sauf-conduit e a institucionalização da identidade sírio-libanesa

Renata Geraissati
 Castro de Almeida
 Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah



E

m 1º de dezembro de 1928, Rizkallah Jorge Tahan recebeu seu certificado de naturalização como cidadão brasileiro, seguindo as normas do decreto nº 6.948, de 14 de maio de 1908, que regulamentava a naturalização de estrangeiros no país.

À primeira vista, tratava-se apenas de uma folha oficial, preenchida por carimbos, assinaturas e fórmulas burocráticas. Contudo, aquele documento carregava marcas de um mundo em transformação: o colapso do Império Otomano, as disputas territoriais no Oriente Médio, os debates sobre nacionalidade e as incertezas vividas por milhares de imigrantes sírio-libaneses espalhados pelas Américas.

A naturalização de Rizkallah Jorge Tahan em 1928 revelava sua intenção de estabelecer pertencimento à sociedade brasileira em um momento de profundas redefinições políticas e territoriais. Ainda que já estivesse inserido no comércio paulistano havia anos, e pudesse ter solicitado sua naturalização anteriormente, sua decisão ocorreu justamente no ano em que a Casa da Boia celebrou três décadas de existência.

Seu gesto também refletia um contexto marcado pela dissolução de impérios, pela emergência de novos nacionalismos e pela indefinição sobre quem poderia ser reconhecido como sírio, libanês, otomano ou brasileiro. Em um período em que passaportes, certidões e documentos consulares adquiriam importância crescente, tornar-se cidadão brasileiro significava garantir direitos em um mundo em profunda transformação.

Embora legalmente já pudesse ter se naturalizado brasileiro há muito tempo, Rizkallah Jorge optou por fazê-lo no ano de 1928, quando a Casa da Boia completava 30 anos de existência.



Republica dos Estados Unidos do Brasil

O Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, em nome do Presidente da Republica, resolve, na conformidade do decreto n. 6948, de 14 de Maio de 1908, declarar cidadão brasileiro *Rizkallah Jorge, natural da Turquia, nascido a 25 de janeiro de 1868, filho de Jorge Carabed e de Ward Jussif, casado, residente no Estado de São Paulo,* assim de que possa gozar dos direitos outorgados pela Constituição e leis do Brasil.

Rio de Janeiro, *um* de dezembro de 1928



Teleph. 2-1915
São Paulo-Brasil
ANTONIO PISTORI
Escrevente Autorizado

Registrada à fls. *42* do livro respectivo

Secretaria de Estado da Justiça e Negócios Interiores, em *um* de dezembro de 1928

Lybia de Faria Castro 30 off. int.

Vicente Lutero
Reconheço a firma *Lybia de Faria Castro*
São Paulo, *30* de *dez* de *1928*
Em testemunho *Lybia de Faria Castro*
Escrevente Autorizada

Nas primeiras décadas do século XX, milhares de imigrantes oriundos do antigo Império Otomano acompanhavam, e buscavam atuar politicamente nas transformações que redesenharam o Oriente Médio.

A Primeira Guerra Mundial acelerou o colapso de uma estrutura imperial que, durante séculos, havia organizado a vida política da região, provocando disputas sobre fronteiras, cidadania e pertencimento nacional.

Como observou o historiador Eric Hobsbawm, o conflito marcou o fim dos grandes impérios e de uma forma de organização política que predominou ao longo do século XIX e início do XX (2009. p.24).



Já para a filósofa Rosa Luxemburgo, a guerra expressava as próprias dinâmicas do capitalismo moderno, impulsionado pela disputa por mercados, territórios e áreas de influência em regiões “que não se encontrem ainda dominadas” (1970. p.392).

Para os imigrantes sírio-libaneses espalhados pelas Américas, esses conflitos não eram acontecimentos distantes, mas eram redefinições territoriais e diplomáticas que impactavam diretamente suas possibilidades de circulação.

Assim, as notícias sobre os desdobramentos políticos do Oriente Médio eram transmitidas rapidamente entre os imigrantes estabelecidos no Brasil.

Em setembro de 1913, o empresário libanês Nami Jafet comentava em São Paulo os resultados do Congresso Árabe realizado em junho na cidade de Paris, na Sociedade de Geografia Francesa, encontro que reuniu representantes interessados em pressionar o governo otomano por maior autonomia para as populações árabes do Império.

Em seu discurso pronunciado em 7 de setembro daquele ano, suas palavras revelavam seu desencanto com o governo otomano e sua crença de que uma união política era indispensável para a independência árabe:

“aprendamos primeiro como sermos unidos, formando o feixe de varas que mãos inimigas não possam quebrar.”.

Sua crítica também evidencia as ambiguidades e transformações presentes naquele contexto. Se em sua fala em 1913 Nami Jafet criticava a presença de administradores estrangeiros na região, poucos anos depois passou a defender a atuação francesa como alternativa para a libertação da Síria, indicando as incertezas políticas enfrentadas pelos imigrantes diante das disputas internacionais pelo controle do Oriente Médio.

A resistência turca não impediu a derrota do Império Turco-Otomano. Ao lado, soldados turcos e trincheira no Mar Morto durante a 1ª Guerra Mundial.

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911
PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Anno XVIII — N.º 30 — Rio de Janeiro, 1 de Setembro de 1917

Endereço Telegraphico: REVISTA — Telephone: 3.669, Norte
Redacção e Administração
PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12 — Rio de Janeiro
Director — C. MALHEIRO DIAS
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS
Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 20\$000—Estrangeiro: 50 francos
Avulso Capital 400 réis — Estados 500 réis
Correspondencia dirigida a ARTHUR BRANDÃO, Director-Gerente



Os Syrios... cidadãos francezes



Grupo tirado depois do almoço oferecido no "Assyrio" ao sr. Ministro de França pela Colonia Syria do Rio e a que assistiram os dois representantes do «Grand Comité Syrien», de Paris, Dr. Cesar Lakad e Bey Mardam.

O sr. Paul Claudel, ministro da Republica Francesa junto ao Governo Brasileiro, foi recebido no Rio com as duplas credencias de diplomata e artista. A imprensa festejou-o, principalmente, como a um emissario da litteratura e da arte francezas, citando elogiosamente as suas obras e saudando-o como a um cultor da poesia e da belleza. Mas que um poeta pode ser um sagaz diplomata acaba de demonstral-o o sr. Paul Claudel.

Nenhum dos seus illustres antecessores descobrira que neste grande *caravansérail* que é o Brasil, onde se dão *rencontres* emigrantes de todos os paizes do mundo, desde o portuguez ao japoncz, existia uma grande e já poderosa colonia desprotegida, que bem poderia acolher-se sob a bandeira franceza. Mas o sr. Paul Claudel, tendo exercido no Oriente cargos consulares, estava excepcionalmente preparado para crear entre a Legação de França e a colonia syria um contacto de consequencias politicas importantissimas. Elle conhecia as aspirações da Syria opprimida, da nação tyrannizada pelo turco e que se habituara a olhar a generosa França de S. Luiz e de Godofredo de Bouillon como a libertadora providencial. Não demorou que entre o representante diplomatico

da França e a colonia syria do Rio se contrabissem relações que revelavam uma cordealidade symptomatica. Já na data solemne de 14 de Julho os syrios tinham ido ao palacio de Paysandú, arvorando estandartes, a saudar o illustre Ministro de França. De Paris tinham chegado dois delegados do Grande Comité Syrio com a missão de reunirem a colonia em volta da bandeira da libertação, exhortando-os a combaterem pela França e pela Liberdade e escudirem o jugo da Turquia.

Os emissarios de Paris prégavam a alliança de todos os syrios sob a égide da França e apontavam-na como a defensora dos seus direitos e a paladina generosa dos seus ideaes. Essa propaganda, tão habilmente secundada pelo sr. Paul Claudel, foi consagrada solememente no banquete symbolico do Assyrio, onde o ministro da Republica Francesa fez declarações do maior alcance, associando-se á cerimonia em que se celebrava a reunião de todos os ramos de grande familia syria e libanesa "numa mesma fé, numa mesma obra, numa mesma organização e numa mesma esperanza."

O sr. Paul Claudel, que é um orador eloquente, prosegue nestes termos com o seu brinde:

"A França, a cujas tradições de li-

berdade se haviam referido os oradores, não era estranha aos votos que faziam todos os syrios pela resurreição de sua patria, do bello paiz que elle tivera occasião de visitar, paiz que era privilegiado pela Natureza e que de certo não fóra feito por Deus para servir de prisão e de matadouro, e sim para o dominio de um povo feliz e livre. Esta esperanza, que datava de tcnco seculos de oppressão, estava a realisar-se!"

Em seguida o sr. ministro da França refere-se ao trabalho dos delegados do Comité de Paris, á sua missão no Brasil e á necessidade de todos os syrios se reunirem em volta daquelles representantes, como se fossem um só homem. O escopo de semelhante missão fóra muito facilitado pelo Brasil, que abria o seu seio aos proscriptos e perseguidos, tal como outr'ora os Estados Unidos, ao receber os exilados da Polonia.

Isto significa, apenas, que a França se considera oficialmente a padroeira da Syria e que, desde agora, e emquanto o sonho de libertação se não transforma em realidade, os syrios serão no Brasil considerados como... cidadãos francezes. Não ha duvida: o sr. Paul Claudel é tão grande diplomata como grande poeta.

O fim do Império Otomano abriu espaço para diferentes projetos nacionais e disputas internacionais envolvendo França, Inglaterra e lideranças árabes.

Enquanto setores britânicos defendiam a formação de um grande Estado árabe unificado, parte da diplomacia francesa incentivava projetos que distinguiam Síria e Líbano como entidades separadas, mobilizando argumentos históricos, religiosos e culturais para justificar sua presença na região.

Nesse contexto emergiram diferentes correntes políticas, algumas favoráveis a uma Grande Síria, outras à criação de um Estado libanês autônomo, além de grupos que defendiam mandatos franceses, apoio estadunidense ou uma independência árabe sem tutela estrangeira.

Essas disputas se faziam presentes em jornais e associações comunitárias que passaram a atuar na mobilização de recursos, circulação de informações e articulações diplomáticas em defesa de seus diferentes projetos nacionais.

Em setembro de 1917, a Revista da Semana noticiou a recepção oferecida no salão Assyrio do Teatro Municipal do Rio de Janeiro ao novo embaixador francês no Brasil, Paul Claudel, e aos representantes do Grand Comité Syrien de Paris.

A fotografia publicada pela revista revelava um ambiente repleto de símbolos orientalistas: colunas, baixos-relevos e referências à antiga Mesopotâmia compunham o cenário do banquete diplomático.

Entre as ornamentações do salão destacava-se a representação de Gilgamesh, personagem da antiga Suméria, inspirada em peças arqueológicas encontradas no século XIX por expedições francesas no Oriente Médio e posteriormente incorporadas ao acervo do Museu do Louvre, simbolizando a longa construção de interesses políticos, culturais e econômicos da França na região que, após o fim da Primeira Guerra Mundial, passaria parcialmente ao domínio francês.

A presença de Paul Claudel no Brasil também revelava os esforços

Em 1917, a Revista da Semana noticiava o encontro com o diplomata francês Paul Claudel, em tom crítico. A despeito dos debates correntes, já dava como consumado o domínio francês sobre a Síria.

diplomáticos para aproximar o governo francês das comunidades sírio-libanesas locais que acompanhavam atentamente os desdobramentos da guerra e discutiam o futuro político de suas terras de origem.

Durante a recepção, o diplomata francês apelou diretamente aos imigrantes estabelecidos no Brasil, afirmando a existência de dois caminhos: permanecer sob o domínio otomano ou lutar pela libertação da Síria e do Líbano ao lado dos Aliados.

Em suas palavras ou os imigrantes queriam:

“permanecer eternamente sob o jugo otomano, oprimidos, ver vossas casas devastadas, vossas propriedades arruinadas, viver dispersos no estrangeiro, ou quereis, como todos os povos alimentados por sentimentos de liberdade e independência, libertar-vos do jugo turco e viver livres sob o sol resplandecente da sua Síria e do seu belo Líbano.”

As articulações políticas da comunidade sírio-libanesa também se intensificaram em São Paulo.

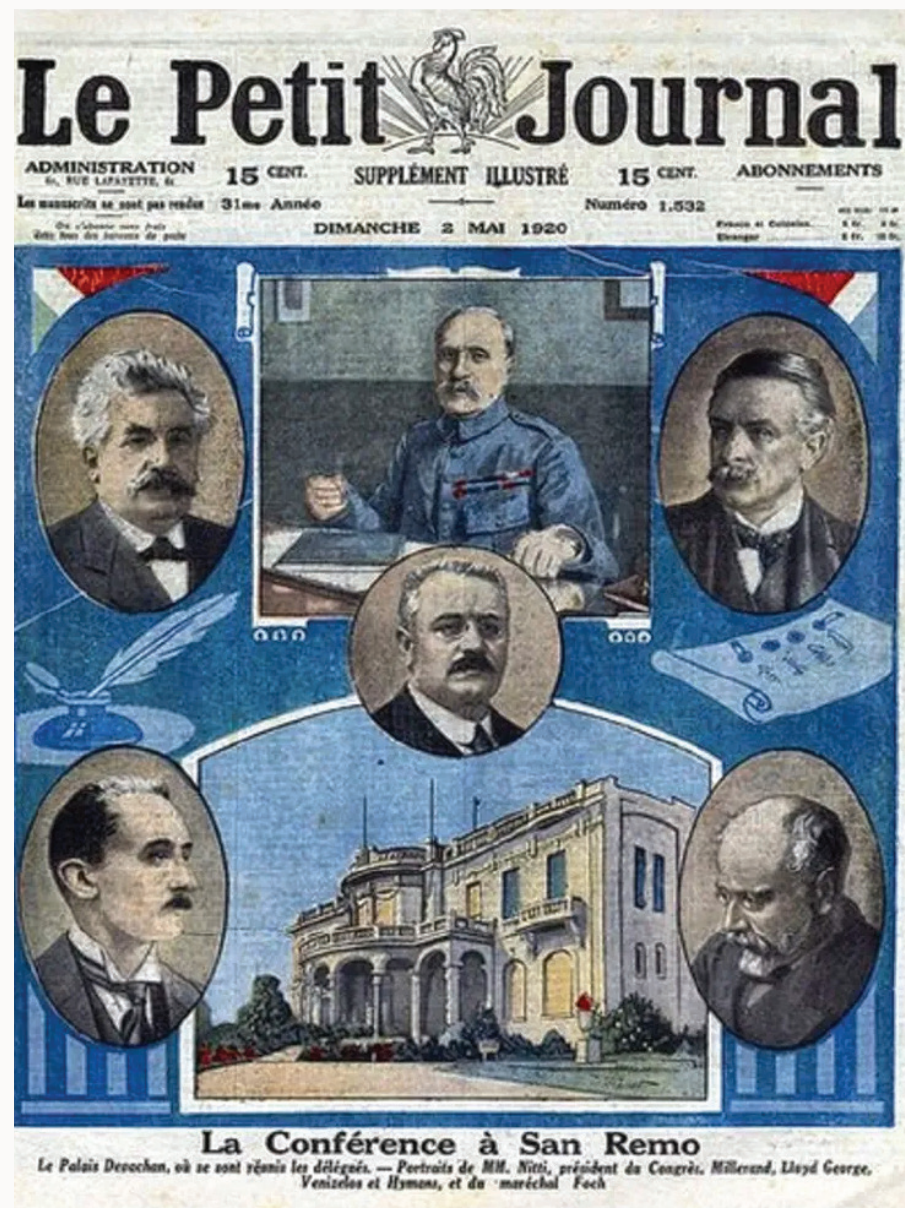
Em setembro de 1917, uma reunião realizada no Salão Steinway, espaço que posteriormente abrigaria o Conservatório Dramático e Musical, reuniu o embaixador francês Paul Claudel, autoridades locais e representantes da comunidade sírio-libanesa.

Como presidente da Liga Patriótica Síria no Brasil, Nami Jafet ampliou seu prestígio junto às autoridades brasileiras e francesas ao participar das campanhas de recrutamento de voluntários e das discussões sobre o futuro da região após a 1ª Guerra.

Na ocasião, discursou publicamente em defesa da participação síria no conflito ao lado dos Aliados, reforçando que se a Síria provasse seu vigor

“contribuindo com seu contingente para a guerra, eles garantirão a realização das suas aspirações nacionais.”

A circulação dessas articulações aparece ainda em periódicos publicados em francês e árabe, como a revista Chronique Syrienne, que em 1917 destacava as manifestações organizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo em apoio à libertação da Síria e do Líbano do domínio otomano.



A Conferência de San Remo, em 1920, apenas deu um tom oficial ao que já havia sido acordado no tratado Sykes-Picot, anos antes.

A publicação destacava também que a comunidade brasileira estava mobilizando recursos financeiros, realizando campanhas políticas e o recrutamento de voluntários, destacado que Nami Jafet declarou publicamente uma doação de 60 mil francos arrecadados junto à colônia no Brasil, reafirmando seu compromisso com o movimento.

A articulação entre os representantes franceses e a comunidade sírio-libanesa não foi observada com entusiasmo pelos jornalistas da Revista da Semana, que tratou a aproximação em tom irônico, descrevendo o Brasil como um “grande caravansérail” onde imigrantes buscavam apenas oportunidades comerciais sem estabelecer vínculos efetivos com o país.

A crítica revelava o desconforto provocado pela mobilização política e pelas ambiguidades de sua condição nacional. Afinal, aqueles emigrados eram turcos, sírios, libaneses, franceses em potencial ou futuros brasileiros?

O desconforto, contudo, não vinha apenas da imprensa brasileira. As divergências também apareciam dentro da própria comunidade sírio-libanesa. Em artigos publicados no Correio Paulistano, Anis J. Racy e Najib Haddad criticavam abertamente a aproximação entre a Liga Patriótica Síria e o governo francês.

Para eles, substituir o domínio otomano por um protetorado francês significaria apenas trocar de soberano. Em oposição ao projeto defendido por Nami Jafet e outros membros da elite imigrante, os autores propunham uma federação árabe autônoma e questionavam os reais interesses franceses na região.

Também criticavam o caráter restrito das reuniões organizadas pela Liga Patriótica, argumentando que ela não representava a totalidade da colônia.



No decorrer da 1ª Guerra e alheios às discussões que permeavam as comunidades Síria e Libanesa ao redor do mundo, Inglaterra e França articularam, secretamente, por meio de Mark Sykes e François Georges Picot a divisão do Oriente Médio, em 1916.

Esses debates presentes em jornais de grande circulação, mostrava que grupos rivais disputavam o significado da independência síria e libanesa, questionavam a legitimidade de seus representantes e acusavam uns aos outros de traição política.

Enquanto parte da comunidade acreditava que a França seria capaz de garantir a emancipação da região, outros temiam que o protetorado francês apenas reproduzisse novas formas de dominação.

As clivagens sociais também atravessavam essas disputas. Lideranças ligadas ao comércio e à indústria paulistana ocupavam posições de destaque nas associações patrióticas e mantinham relações próximas com autoridades brasileiras e diplomatas estrangeiros.

Ao mesmo tempo, muitos imigrantes temiam represálias do governo otomano contra familiares que ainda viviam na região.

As dificuldades envolvendo documentos legais tornaram-se particularmente significativas para uma parcela da colônia sírio-libanesa durante e após a Primeira Guerra Mundial.

Nesse contexto, os “sauf-conduits” tornaram-se o único meio legal para muitos sírios e libaneses que desejavam retornar ao Oriente Médio, ou viajarem a negócios.

Ainda que parcelas significativas desses migrantes (como o próprio Rizkallah Jorge) já dispusessem de naturalização em suas sociedades receptoras, a maioria continuava a possuir passaportes otomanos.

Após os acordos firmados entre França e Inglaterra durante a guerra, especialmente o Tratado de Sykes-Picot, a França passou a reivindicar autoridade sobre parte da Síria e do Monte Líbano.

Ao fornecer passaportes e documentos de circulação para os emigrados, o governo francês buscava consolidar sua influência política sobre a região e sobre as comunidades sírio-libanesas espalhadas pelo exterior. Por meio desses documentos, a França passou a controlar os meios legítimos de circulação entre o Oriente Médio e seus emigrados, decidindo quem poderia retornar, viajar ou ser reconhecido oficialmente como sírio ou libanês.

Apesar da concessão dos passaportes ser restrita aos cidadãos sírio-libaneses, vemos que a definição de sua identidade nas Américas foi uma questão complexa

que extrapolou a esfera da retórica e do debate, sendo por vezes judicializada, como aconteceu nos Estados Unidos.

No ano de 1915, por exemplo, o imigrante maronita libanês, George Dow, apelou de duas decisões de tribunais inferiores que negaram seu pedido de naturalização como cidadão norte americano.

O Tribunal do Apelação reconheceu o direito à naturalização, com base na “opinião geralmente aceita de que os habitantes de uma parte da Ásia, incluindo a Síria, [devem] ser classificados como pessoas brancas”.

Embora decisões judiciais como o caso Dow



*Soldados Sírios no campo de Myszolun 1920.
O levante final dos sírios contra o domínio francês terminou com a vitória dos europeus, consolidando o domínio francês na região.*

UNITED STATES CIRCUIT COURT OF APPEALS, FOURTH CIRCUIT.

IN RE DOW.

SEPTEMBER TERM, 1915.

JUDGE WOODS, OPINION BY:
GEO. S. GENTRY
CHAS. A. ASH

GEORGE DOW, Petitioner, V. THE UNITED STATES, Respondent.

ON APPEAL FROM THE DISTRICT COURT OF THE UNITED STATES FOR THE
EASTERN DISTRICT OF SOUTH CAROLINA.

Argued October 25, 1915. Decided November 17, 1915.

Opinion of the Court.

JUDGE H. HANBYR,
JUDGE H. SIVER
D. H. SOELSMITH
FICK. A. FUNE
GEN. S. W. HOUB,
CHAS. A. BORN.
GEO. S. GURT,
BRETH M. HALIN,
CHASF E. GAYE.

GEDG. WOODS,
CHAS. A. ASH.
CHAS. M. ASH.

The petitioner, George Dow, a native of Syria, filed his petition for naturalization, which was refused by the District Court on the ground that he is not a "free white person" within the meaning of the naturalization act. Dow is a dark-skinned man of the Arab race, but is a Christian and a native of Syria. The Circuit Court of Appeals is called upon to decide whether whether a person of such descent and color is eligible to naturalization as a free white person.

... Our conclusion is that Dow is a white person within the meaning of the naturalization acts, and eligible to naturalization. The judgment of the District Court must be reversed, and the cause remanded with directions to allow the naturalization.

R. A. Woods,
CIRCUIT JUDGE,



versus Estados Unidos, em 1915, tenham contribuído para definir os sírios como uma categoria racial distinta dos demais nacionais otomanos, as ambiguidades persistiram.

Em muitos contextos, "sírios" eram associados ao cristianismo, enquanto "turcos" eram identificados como muçulmanos.

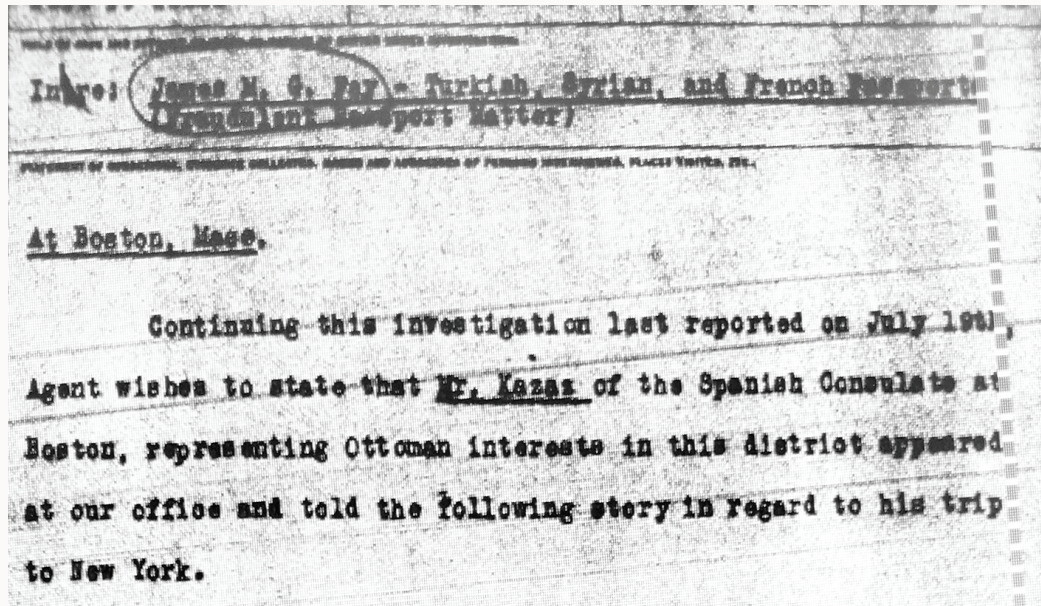
O episódio envolvendo James Fay, em 1919, (que testemunhando falsamente a naturalidade síria de imigrantes de outras regiões acabou contribuindo para a falsificação diversos passaportes) revela as inconsistências da lei estadunidense a respeito da identidade síria, demonstrando como vários otomanos poderiam clamar por esse direito pós-1918.

O grande esquema de fraude acabou por envolver turcos, curdos, o cônsul francês, a divisão de passaportes e imigração, e o consulado espanhol, revelando a dificuldade de distinguir legalmente sírios, turcos, curdos e outros antigos súditos do Império Otomano após o fim da guerra.

Décadas depois da chegada dos primeiros imigrantes sírio-libaneses a São Paulo, documentos como o certificado de naturalização de Rizkallah Jorge Tahan permanecem preservados como vestígios materiais dessas experiências atravessadas por guerras, deslocamentos e redefinições de pertencimento.

Registros burocráticos, passaportes, certidões e carteiras de identidade são instrumentos fundamentais para entender como esses imigrantes negociaram suas identidades em um contexto que tentava restringir quem poderia circular, trabalhar, retornar ou existir legalmente em um mundo marcado pelo fim de impérios e pela construção de novos Estados nacionais.

*Fac-símile da decisão do caso Dow e detalhe microfilmado do caso Fay.
A questão do direito à cidadania dos imigrantes sírios foi judicializada nos Estados Unidos.*



ANNEXE I.

FORMULE DE DEMANDE DE SAUF-CONDUIT
À ADRESSER A L'AUTORITÉ MILITAIRE.

Je soussigné :

Nom : Prénoms :
Profession :
Né le à
Nationalité : (en cas de naturalisation, indiquer
la nationalité d'origine).
Domicilié à : (localité, département, rue et numéro⁽¹⁾, s'il y a lieu adresse dans la
résidence momentanée).....

demande à l'autorité militaire compétente de la zone des Armées de me délivrer un
SAUF-CONDUIT valable pour un voyage (aller et retour) pour me rendre à⁽²⁾ :

Localités ou périmètres de circulation :
Mode de locomotion :
Durée probable du déplacement :
Motifs de mon déplacement :
Références dans les localités de la zone réservée où je désire me rendre :

Ci-joint ma photographie (photographie récente, sur papier mince, de dimensions
4 cm. sur 4 cm. s'il s'agit d'un permis de circuler en automobile ou motocyclette).

A....., le 19¹ ..
Signature du demandeur.

AVIS DE L'AUTORITÉ CIVILE.

Je soussigné, certifie que l'identité du demandeur m'est connue (ou bien que le
demandeur m'a présenté les papiers nécessaires pour la justification de son identité) et
que les indications données ci-dessus sont exactes⁽¹⁾.

(S'il y a lieu, la photographie envoyée est bien celle du demandeur.)

A ma connaissance, l'attitude du demandeur au point de vue national, n'a jamais
donné lieu à remarque défavorable.

Avis sur les motifs invoqués (et autres observations, s'il y a lieu) :

A....., le 19¹ ..
Le (3)

Cachet.

(1) Si le demandeur, au moment de la déclaration de guerre, avait son domicile habituel dans les territoires
occupés par l'ennemi, il convient de l'indiquer (localité et département).

(2) Si le demandeur est accompagné d'enfants au-dessous de 12 ans, l'indiquer sur la demande.

(3) Préfet, sous-préfet, maire ou Commissaire de police.

Referências

LUXEMBURGO, Rosa.

A acumulação do capital - estudos sobre a interpretação econômica do Imperialismo.

Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. P. 391.

HOBSBAWM, Eric.

A Era dos Impérios. Brasil:

Editores Paz e Terra, 2009.

HOURANI, Albert.

Uma história dos povos árabes.

São Paulo: Editora Schwarcz, 2006. p.350.

Formulário de solicitação de salvo-conduto. Uma simples burocracia que encerra, em si, um sistema de controle de um país estrangeiro sobre os cidadãos do território ocupado.



DEPARTEMENT
DE LA MARNE

MAIRIE
Choppes la Prairie

A Pied
Voiture Attelée
Voie Forcée

SAUF-CONDUIT



METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah
maio, 2026

Delivré à M. Hant Emile âgé de 10 ans.

Profession accompagnant de Hant André H

domicile Choppes la Prairie

aller à Reims et retour

Choppes le 29 septembre 1915.

Maire Le Maire
L'adjoint

Il devra être visé par le Commissaire de
le Maire de toute localité ou stationnera le

toute réquisition des autorités civiles et

Passaporte sírio expedido
pela França durante o
período do protetorado.